

Para os pioneiros, uma vitória

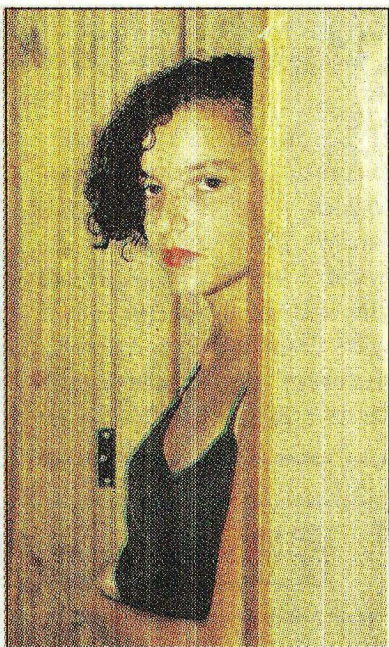
“Era uma barraca de camping e só nós e os bichos”. O primeiro morador de Samambaia, José Alis Azevedo Lima, ainda se recorda com emoção de quando chegou para tomar posse do terreno que comprou numa licitação da Terracap. Era o dia 2 de agosto de 1985, muito antes até da criação da região administrativa, que ocorreu apenas em 25 de outubro de 1989.

A Samambaia daquela época era só o cerrado, onde havia algumas chácaras e muitos bichos, principalmente emas. Mas o ermo do lugar e todas as dificuldades - como ter de andar a pé ou de bicicleta, pelo menos 10 quilômetros para fazer o caminho de ida e volta até Taguatinga e lá pegar um ônibus para trabalhar no Plano Piloto - não desanimavam os pioneiros.

José Alis, atualmente coordenador da biblioteca pública de Samambaia, lembra das primeiras conquistas: “Em dezembro de 85, as oito famílias que estavam instaladas na área que hoje é a quadra 406, fundaram a associação dos moradores que funcionava na minha casa, um barraco simples, para lutar por benfeitorias”.

Em março de 86, o caminhão da SLU começou a recolher o lixo, três vezes por semana. “Soltamos foguete”, conta Alis. Em junho do mesmo ano, chegou a primeira linha de ônibus, um micro da TCB que passava três vezes por dia. No final de 87, dos 750 lotes da quadra 406, mais da metade já estava ocupada. E em 88, o governador José Aparecido instalou na associação dos moradores o primeiro governo itinerante da Samambaia. Na ata da reunião, a decisão de construir a primeira escola, o posto de saúde e o asfaltamento da quadra. “Tudo foi cumprido”, afirma José Alis.

Mas se o ritmo de crescimento em Samambaia era ainda lento, em 1989, com a etapa do assentamento, a cidade explodiu, e a partir daí, segundo Alis,



Adriana: falta de diversão atrapalha

houve um crescimento de 30 anos em três. “Teve o lado negativo, mas também houve coisa positiva. A cidade acelerou seu desenvolvimento”.

Com o assentamento de 89, outros tipos de moradores vieram - mais carentes, mas nem por isso menos dispostos a conquistar um lugar definitivo. É o caso de “seu” Manoel Oliveira Jesus, um mineiro de Januária. Hoje, possuem uma mercearia bem-montada na quadra 41 e gostam do local, embora dona Gersina advirta: “O policiamento não é bom”.

Ivone Ribeiro Machado chegou na mesma época e também encontrou muito mato - mas ficou feliz pois sabia que estava construindo a sua casa. Dona Ivone gosta de Samambaia como a cidade é, mas acha que muitas coisas poderiam melhorar, como a poeira, que suja a casa. Já a filha, Adriana, reclama da falta de diversão e do medo que sente quando sai da escola em Ta

guatinga, por volta das 23h00. “Mas lá o ensino é melhor”, atenta.